

BIBLIOTECA DO SEMINÁRIO DA PRAINHA: UM OLHAR SOBRE O LIVRO E A LEITURA NO CEARÁ PROVINCIAL (1864-1889)

Rafaela Gomes Lima¹

Resumo: A Biblioteca do Seminário Episcopal do Ceará, se constitui em documento/memória inestimável para a compreensão sobre a difusão do ideário da Igreja Católica na sociedade cearense, e por outro lado, há o aspecto da difusão do conhecimento geral através dos livros que a compunham. Diante disso, o presente estudo visa analisar as obras constantes do núcleo formador da Biblioteca do Seminário, buscando compreender em que medida elas se inserem dentro do processo de formação dos padres cearenses diante do contexto da Romanização da Igreja Católica. Para tanto, faz-se necessário o conhecimento da tipologia das obras, bem como da sua utilização nos cursos oferecidos pela Instituição. Assim, infere-se que o ideário da formação sacerdotal do Ceará provincial teve no livro um grande veículo para sua fixação.

Palavras-chave: História do Livro. Bibliotecas. Ceará Provincial.

Introdução

A instalação do Seminário Episcopal do Ceará - mais conhecido como Seminário da Prainha - em Fortaleza no ano de 1864, é um marco cultural e intelectual da cidade e da Província/Estado, já que a Instituição seria responsável pela formação dos jovens, pela irradiação de um ideário de fundo teológico e espiritual, bem como na difusão dos signos da modernidade no Ceará de então.

A historiografia mais recente considera que, embora o Seminário tenha surgido como um forte vetor no plano da educação, oferecendo também uma formação de nível considerado superior, se alinhava ao conservadorismo, afirmando o combate ao pensamento liberal que alcançava inclusive os membros do próprio clero. (JUCÁ, 2014)

Esse foi, de fato, o motivo maior da instalação do Seminário no Ceará, pois as autoridades eclesiásticas postulavam formas concretas de conter o avanço da laicização, como se observa no presente estudo:

A implantação de uma instituição, voltada à formação religiosa, constituía uma medida saneadora ante a crise moral temida pelas autoridades eclesiásticas, pois um rígido sistema disciplinador se impunha como condição estratégica para enfrentar o avanço da laicização e da ação dos pastores protestantes que encontravam espaços nas cidades mais importantes do país, que se modernizava com a presença do capital e dos usos e costumes dos europeus. (JUCÁ, Op. Cit. p. 37)

Visando essa formação mais rígida para os padres cearenses o Bispo de Ceará, Dom Luís Antônio dos Santos (1817-1891), entregou aos padres lazaristas a missão educacional do Seminário, visto seu conhecimento sobre a pedagogia e os métodos de trabalho desta ordem, por ter tido parte de sua formação no Seminário do Caraça em Minas Gerais, um dos polos de

¹Doutoranda em História no Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Ceará.
Fortaleza, v. 11, n. 22 - Julho/dezembro de 2020

irradiação das ideias romanizadoras no Brasil², sob a supervisão dos lazaristas.

Enquanto Instituição de grande significado para a História do Ceará, o Seminário da Prainha tem sido objeto de vários estudos que ressaltam questões históricas, religiosas ou educacionais. Aqui se pretende abordar uma dimensão de relevo para a historiografia cearense, qual seja, a formação de sua Biblioteca. O estudo da Biblioteca do Seminário da Prainha permite dimensionar um campo mais alargado de análise na História Social do Livro e da Leitura, face à temática das obras, o circuito do livro, que abrange a produção, a circulação e a leitura dos mesmos (DARNTON, 2010), o que inclui também a possibilidade de análise acerca das relações comerciais entre Fortaleza e determinadas praças da Europa, observando a vinda dos livros do Velho Mundo, além das relações entre o Seminário e os agentes locais do livro como os tipógrafos, encadernadores e livreiros.

Compreende-se o estudo das bibliotecas inserido no amplo leque de possibilidades da História do Livro e da Leitura e, em alguma medida, em diálogo com os campos da História Intelectual e da História Social das Ideias. As pesquisas nesse campo de estudos abordam as dimensões relacionadas à produção e circulação do livro, bem como às práticas de leitura. No que concerne à História do Livro,

(...) Pode-se estender e ampliar o campo de muitas maneiras, mas de modo geral ele trata de livros desde a época de Gutenberg, sendo uma área de pesquisa que se desenvolveu com tanta rapidez nos últimos anos que é provável que conquiste um lugar ao lado de campos como a história da ciência e a história da arte, no elenco das disciplinas acadêmicas. (DARNTON, 2010, p. 122)

Assim sendo, compreende-se o livro como signo de expressão cultural, capaz de representar experiências ligadas à aplicação do conhecimento, à convivência social, aos debates entre mestres e estudantes; uma mostra de conhecimentos e saberes compartilhados e de como esses saberes se configuravam no Seminário da Prainha e deste, para a sociedade.

O estudo das bibliotecas e das questões relacionadas ao livro e à leitura numa sociedade dominada pelo analfabetismo, permite compreender um pouco das relações de poder envolvendo os detentores de capital cultural e os demais níveis da população sujeitos – por, na maioria dos casos, não possuírem esse capital – às diversas formas de dominação, mas que resistem a ela. E ao ter acesso à instrução voltada sobretudo às camadas mais elevadas da sociedade, como a oferecida no Seminário, encontram meios de se fazer presentes de forma mais efetiva, nas disputas do cotidiano citadino.

²O processo de Romanização teve início na segunda metade do século XIX, atingindo seu auge na década de 1870. Portanto, a formação do Seminário do Ceará está inserida nesse contexto. Cf. PINHEIRO, Francisco José. O Processo de Romanização no Ceará. In: SOUZA, Simone(Coord.). **História do Ceará**. – Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1995.

A Biblioteca

O presente artigo trata-se de uma apresentação geral da pesquisa de doutorado que tem como foco a Biblioteca do Seminário da Prainha em Fortaleza, se debruçando sobre as obras de seu acervo, observando o circuito percorrido até sua chegada na Instituição e aos aspectos relacionados ao uso desses livros nos cursos ministrados. Também busca observar a função dos livros na difusão do conhecimento e do dogma católico no Ceará da segunda metade do oitocentos.

O recorte temporal da pesquisa tem início em 1864, ano de fundação do Seminário Diocesano por Dom Luís Antônio dos Santos (1817-1891). A autorização para a fundação de um Seminário em terras cearenses, veio em 1860 quando da nomeação do primeiro Bispo do Ceará pelo Papa Pio IX, seis anos depois da criação da Diocese³.

No entanto, como mencionado, apenas quatro anos depois de autorizada a criação é que se dá o funcionamento do Seminário, visando a formação de padres no contexto da romanização da Igreja Católica, processo esse caracterizado pela intensa propagação das ideias do ultramontanismo⁴. Pode-se dizer que o Ceará “(...) não ofereceu resistência, pelo menos declarada, ao processo de Romanização da Igreja Católica. Muito pelo contrário, muitos de seus membros, que compunham a elite cearense, até anteviram nele a possibilidade de efetivação de muitas aspirações, principalmente no campo político e educacional.” (FILHO, 2012, p. 52). Nessa perspectiva, os padres lazaristas, conhecidos pela austeridade de suas práticas foram os escolhidos por Dom Luís para assumir o Seminário:

Queria o Sr. D. Luiz o seu Seminário dirigido por Religiosos como o eram os de Mariana e de S. Paulo – Alumno e particular Amigo dos Padres da Congregação da Missão, foi para os Filhos de S. Vicente de Paulo que dirigiu suas vistas, suas preferencias e sua confiança. Instado pelas reiteradas cartas do Sr. Bispo do Ceará, o Rmo. Pe. João Baptista Etienne, Sup. Geral dos Lazaristas, não pode recusar o que o zeloso Prelado sollicitava para maior gloria de Deus e bem da Diocese, e prometeu, ainda que fosse pequeno o número de Lazaristas no Brasil, de mandar quatro padres para começar a direção deste novo Seminário.⁵

Neste contexto se deu a vinda dos padres da “Congregação da Missão” e o Seminário

³A diocese do Ceará foi criada em junho de 1854 através da assinatura, pelo Papa Pio IX da Bula *Pro Animarum Salute*, fazendo assim com que a igreja cearense se desligasse, ao menos administrativamente da Sé de Olinda. Cf. LIMA, Francisco. **O Seminário da Prainha**. – Fortaleza: BNB, 1982.

⁴“Profundamente romano, caracterizou-se pela intensificação da tendência de centralização de poder nas mãos do papa, pela uniformidade doutrinal cada vez mais acentuada e dirigida, tendo o ponto alto na definição dogmática da infabilidade pontifícia, pela convergência de esforços e pela supervalorização da moralização dos costumes, deixando em plano inferior um ensino e um conhecimento mais ligado a vida, pela ‘espiritualização’ do clero interiormente enclausurado nas questões de Igreja e desligado dos problemas sociais e políticos.” LUSTOSA, Oscar F. Reformistas na Igreja do Brasil – Império, São Paulo, Boletim nº 17, 1977. Apud: OLIVEIRA, Lúcia Helena Moreira de Medeiros. **O projeto romanizador no final do século XIX**: a expansão das instituições escolares confessionais. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n.40, p. 145-163, dez.2010. p. 148.

⁵Seminário Episcopal de Fortaleza – SEF. **Álbum Histórico do Seminário Episcopal do Ceará**. Fortaleza – Ceará, 1914. p.20

teve como primeiro Reitor o padre francês Pierre Auguste Chevalier (1831-1901), que acompanhado de outros padres, também franceses, iniciou a missão educacional da Instituição, sendo o responsável pela implantação de seu programa pedagógico, disciplinar e da formação da Biblioteca sobre a qual se falará mais adiante.

Os lazaristas estabeleceram então, uma base de estudos no Seminário que privilegiasse a boa formação dos padres adequando aos preceitos da romanização, incidindo sobre a disciplina rígida e submissão dos educandos. O Padre Chevalier estabeleceu esses aspectos durante seu Reitorado, baseado nas regras estabelecidas pelo *Diretório dos Seminários*, livro de normas adotado pelos padres da Missão por conter as bases da disciplina exigida na formação dos clérigos na perspectiva ultramontana. (FILHO, Op. Cit.)

Nesse sentido, estabeleceu-se como marco final da pesquisa o ano de 1889, da implantação do Regime Republicano, tendo em vista as mudanças políticas influenciado também na relação entre a Igreja e o Estado. Durante o Império essa relação era baseada no contexto do regime do Padroado e do Beneplácito, o que transformava a Igreja em um braço do Estado e seus membros tidos como funcionários já que a instituição religiosa vivia às expensas do Estado, situação que deixava os membros do clero em posição desconfortável, conforme indica José Murilo de Carvalho:

Em primeiro lugar, a situação do clero em relação ao Estado era ambígua. Se por efeito da união Igreja-Estado o padre era um funcionário público, pago pelos cofres do governo geral, não deixava também de pertencer a uma burocracia paralela, uma organização que ao longo da história se tinha empenhado em longas batalhas contra o mesmo Estado pelo controle do poder político. (CARVALHO, 2003, p. 182.)

Foi nesse contexto de embates pelo controle do poder, pela manutenção e fortalecimento institucional da Igreja perante o Estado que se deu a reação do ultramontanismo que veio a culminar, no Brasil com a Questão Religiosa no final do Império.

A República, ao promover a separação entre Igreja e Estado, retirou o clero da efetiva participação política e burocrática, retirou também os membros da igreja das listas de pagamento do governo.

Observada essa moldura histórica e a partir das pesquisas iniciadas junto às fontes no Seminário referentes à sua Biblioteca, achou-se por bem delimitar o estudo entre os anos de 1864 e 1889, o que delimita o estudo ao núcleo formador da Biblioteca, ou seja, às obras adquiridas no Reitorado do Padre Chevalier para a composição do acervo bibliográfico necessário à formação dos alunos da Instituição.

De acordo com a pesquisa no *Livro de Receitas e Despesas do Seminário Provincial (1864-1886)*, apesar de o Seminário ter sido inaugurado em 1864, a primeira referência à

compra de livros para a Biblioteca é de setembro de 1865, datando de junho do mesmo ano a compra de uma estante no valor de 130 mil réis⁶.

A compra de livros aparece registrada diversas vezes ao longo dos anos, sendo que a grande maioria dos registros não identifica as obras, indicando a “compra de livros”, “livros para o Seminário” ou ainda “livros para a biblioteca”. No que se refere aos “livros para o seminário”, se pode inferir que tanto podiam se tratar de obras impressas de quaisquer temas ou de cadernos para a escrita dos alunos, livros em branco, como eram anunciados para venda em algumas tipografias da cidade. Essa conjectura surge pelo fato de se tratarem de compras de pequeno valor e de geralmente esses livros serem comprados junto de outros itens de papelaria e expediente como tinta ou quadros e a aquisição se fazia com frequência, a cada dois ou três meses. Em apenas uma ocasião foi registrada a compra de cadernos propriamente ditos, em julho de 1869, foram adquiridos cinco cadernos pautados, no valor de 3.200 réis.⁷

Foram localizados os registros de aquisição de obras para a formação da Biblioteca como dito, a partir de 1865. Tendo em vista que a Instituição entrou em funcionamento aproximadamente um ano antes desse primeiro registro cabem algumas conjecturas acerca dos livros que orientavam a formação dos alunos durante esse período. Certamente, tanto o Bispo

D. Luís quanto os lazaristas que vieram assumir o Seminário, traziam seu próprio acervo de estudos e leituras e diante do modo como se deu a inauguração das aulas é possível que os livros de propriedade dos mestres - certamente vindos, em sua maioria, da Europa - tenham sido utilizados nesse intervalo de tempo. Dos registros de compras de livros tem-se a compra de 1865, seguida de uma leva de “livros vindos de Pernambuco”⁸ no valor de 90 mil réis, em 1866; “livros portugueses” no valor de 44 mil réis, em 1870; “livros comprados da Europa”, custando 185 mil réis, em 1871 e “livros para a biblioteca” no valor de 100 mil réis e outra compra em 1880 no total de 191 mil réis. Além dessas aquisições também foram observadas anotações de compras individuais que comprovam o quanto era difícil para as pessoas comuns adquirir esses bens devido seu elevado valor. O Seminário comprou um livro de teologia por 16. 240 réis e outros dois livros dos quais não foi indicado o assunto, um no

⁶SEF. **Livro de Receitas e Despesas do Seminário** (1864-1886).

⁷SEF. **Livro de Receitas e Despesa do Seminário** (1864-1886).

⁸A Província de Pernambuco era polo de difusão cultural para as demais províncias do Norte. Sobre a ilustração em Pernambuco no século XIX ver: SILVA, Maria Beatriz Nizza da. **Pernambuco e a cultura da ilustração**. – Recife. Editora Universitária da UFPE, 2013. Na capital pernambucana reverberavam as ideias de pensadores como Rousseau, Montesquieu e Benjamin Constant, sobretudo após a instalação da Faculdade de Direito. Diante disso, a cidade passou a ter uma convivência cada vez maior com os livros e desenvolveu um grande circuito livreiro. Cf.: GONÇALVES, Adelaide. As comunidades utópicas e os primórdios do socialismo no Brasil. In.: **E-topia: Revista Electrónica de Estudos sobre a Utopia**, n.º 2 (2004). Disponível em: <http://www.lettras.up.pt/upi/utopiasportuguesas/e-topia/revista.htm>.

valor de vinte e outro de seis mil réis.⁹

Além dos valores das obras, as informações resultantes da pesquisa no *Livro de Receitas e Despesas do Seminário*, permitem traçar uma cartografia dos livros, ou seja, dão ao pesquisador uma ideia do trajeto dos impressos até sua chegada à Biblioteca, vindos dos principais lugares fornecedores de livros para Fortaleza. A capital cearense sempre esteve intimamente ligada à Pernambuco e sua praça comercial que, inclusive no que diz respeito ao comércio livreiro, já estava bem adiantada em relação à Fortaleza. Com relação à Europa, é sabido que a partir da segunda metade do século XIX Fortaleza intensifica suas relações comerciais com o Velho Mundo, conforme afirma Raimundo Girão:

As transações do Ceará com portos estrangeiros cresciam satisfatoriamente, (...). As entradas e saídas de 1858 a 1863 cresceram de 65%. De 1863 a 1868, o aumento foi de 75%. A navegação de longo curso, em 1858, era feita por 25 navios e, em 1866, por 65, quase uma triplicação em dez anos. (GIRÃO, 1979, p. 104)

Os navios atravessavam o Atlântico trazendo as mais diversas mercadorias, entre elas os livros. A primeira compra de livros europeus pelo Seminário foi realizada em 1870, antes se deu a aquisição de livros portugueses, que podem ter sido adquiridos em Fortaleza, já que os livreiros da cidade também encomendavam suas mercadorias diretamente a Lisboa e outras capitais europeias.

(...) podemos imaginar, entre os transeuntes na beira do porto, Joaquim José de Oliveira e seus funcionários identificando, dentre os caixotes recém- desembarcados, aqueles que traziam as encomendas de seus clientes: a última edição da *Revue de Deux Mondes* (...). Pelos malotes do correio marítimo que eram desembarcados na Alfândega da cidade chegavam os livros de Taine, Spencer, Darwim, Burkle e outros. (OLIVERA, 1998, p. 73.)

Na década de instalação do Seminário, já funcionava em Fortaleza a livraria de Joaquim José de Oliveira e nesse estabelecimento os lazaristas adquiriam seus livros. No citado *Livro de Despesas e Receitas* aparece geralmente no mês de dezembro ou nos meses iniciais do ano a anotação “Livros pagos ao Oliveira”, geralmente com valores variando entre 26 e 75 mil réis.¹⁰

O livreiro Oliveira é considerado um dos intermediários da literatura que atuavam em Fortaleza nesse período e quaisquer pessoa ou instituição que tenha relações com os livros vai se relacionar com eles. Com o Seminário não era diferente, são inúmeros os registros de pagamentos feitos a tipografias, pela compra de papel e impressão de boletins, e a

⁹SEF. **Livro de receita e despesa do Seminário** (1864-1886).

¹⁰O estabelecimento da livraria de Joaquim José de Oliveira data de 1857, por isso se afirma que seja ela o “Oliveira” que aparece citado no documento do Seminário.

encadernadoras, pelo trabalho de encadernação dos livros da instituição, ou seja, é possível enxergar o funcionamento do circuito do livro fortalezense no período através desse estudo das obras da Biblioteca eclesiástica.

Como o foco da pesquisa é a Biblioteca original, aquela organizada pelo padre Chevalier durante os primeiros anos de seu trabalho à frente do Seminário, a observação das obras ficou restrita ao setor de obras raras da Biblioteca Padre Luiz Magalhães Uchoa pertencente ao Seminário Episcopal e à Faculdade Católica de Fortaleza, que conta com um acervo de aproximadamente sete mil volumes. Iniciou-se então o levantamento das obras tendo em vista a seleção daquelas com data de publicação mais antiga, que pudessem ter feito parte do núcleo da Biblioteca. Essa seleção foi feita de maneira conjectural, tendo por base as disciplinas lecionadas e as datas de compras de livros atestadas no Livro de despesas e receitas, tendo em vista não existir catálogo da época ou livro de consulentes.

Realizou-se um levantamento das obras existentes, que fornecem uma visão geral da tipologia dos livros e sua relação com o ensino no Seminário. Os alunos tinham aulas de Gramática Portuguesa, Francesa e Latina, Aritmética, Latim, Geografia, História (a partir da Idade Média), Retórica, Prosódia, Física e Filosofia, além das disciplinas próprias do curso eclesiástico.¹¹ No *Livro do Conselho do Seminário Provincial de Fortaleza (1864-1935)*, estão apresentadas as disciplinas cursadas, seus respectivos professores e livros utilizados, ou seja, através dele é possível saber que o Padre Calegni era o lente da turma do 2º ano preparatório e utilizava a *Geografia*, de Pompeu. A maioria das obras são as de cunho religioso - filosofia, catecismos, direito canônico, liturgia, história eclesiástica etc., dentre elas podem ser citadas *A filosofia Escolástica*, de Kleutgen (1843); *História de Santo Inácio de Loyola*, por Daurignae (1865); *História Universal da Igreja Católica*, pelo Abade Rohrbacher (1857); *Dicionário da conversação e da leitura*, por W. Dukett (1853), todas em francês. Também há a *Teologia Dogmática*, de Taurinoux (1871), e *Teologia Moral*, de Liguori (1866), ambas em latim e *Primeira Enciclopédia Teológica*, de Migne (1863, 29 volumes).

Além das obras religiosas há aquelas relacionadas às disciplinas do curso preparatório do Seminário, como por exemplo, *História Universal*, de Muller (1846), *História do Brasil*, de Southey (Traduzido do inglês por Joaquim de Oliveira e Castro – 1862. 6 volumes); *Obras de Bossuet* (1851, 4 volumes), *Filosofia Fundamental*, de Balmes (1868); *Curso Elementar de Literatura Nacional*, do Cônego Doutor Joaquim Caetano (1862); *História Universal*, de Cesar Cantu (1867), *As origens da França Contemporânea*, por H. Taine (1887) e a *História da Conjuração Mineira. Estudos sobre as primeiras tentativas para a independência*

¹¹SEF. **Álbum Histórico do Seminário Episcopal do Ceará**. Fortaleza – Ceará, 1914.

nacional, de J. Norberto de Souza Silva (1873).

Convém destacar as obras extremamente raras do acervo, como o *Appendix ad Historiam Literariam* (1720), *Curso de Direito Canônico* (1766), *Sermões*, do Fr. Francisco da Madre de Deos Pontes (1798, 2 volumes), *Provas da Genealogia da Casa Real Portuguesa* (1746), a *Genealogia da Casa Real Portuguesa* (1746, 7 volumes), o *Scriptorum Ecclesiasticorum* (1720), *Appendix ad Historiam Literarium* (1720), *Annales Ecclesiastici* (1710) e o *Corpus Juris Canonici Academicum* (1746)

O acervo pesquisado, oferece indicações do tipo de leitura indicado aos alunos; a maioria das obras eram escritas por membros da Igreja, até mesmo os de disciplinas como História e Geografia, ou seja, o objetivo era inculcar a visão católica de mundo. A Biblioteca é fruto também de um processo de seleção repleto de subjetividade no qual se observa o desejo da Igreja de conservar seu capital cultural e expandir seu ideário. É também a representação do poder simbólico da Instituição (BOURDIEU, 2010). A expansão do conhecimento adquirido no Seminário se deu sobretudo, através da constituição de escolas por parte de seus ex-alunos e muitos dos Institutos Educacionais fundados na cidade de Fortaleza buscavam como mestres os egressos da Instituição dirigida pelos lazaristas.

Entre os egressos do Seminário tem-se nomes como Monsenhor Salazar, professor da cadeia pública; Padre Antônio Cândido Rocha, diretor da Escola Normal, Luiz de Souza Leitão, professor do Liceu, esses ocupando cadeiras na Assembleia provincial (CASTELO, 1964). Podem ser citados Agapito dos Santos, Menna Barreto, Gil Amora e Capistrano de Abreu¹², nomes ligados à Literatura, História e letras em geral. Como se pode perceber, a presente pesquisa trará também contribuições à história da educação e do ensino no Ceará.

Com relação à leitura, essa era incentivada pelos lentes do Seminário, como se confirma pela presença de registros de compras de “livros para prêmios” no *Livro de Receitas e Despesas*, e pela afirmação contida no *Álbum Histórico* de que premiar os alunos com livros era prática comum durante a administração do Padre Chevalier, tendo sido substituída pela premiação com medalhas e folhas de louro quando da entrada do Padre Simon como Reitor.

Assim compreende-se a presença dos livros no Seminário como um caminho para perscrutar a História desta Instituição e suas formas de atuação ante a sociedade. Nesse sentido considera-se a Biblioteca conventual como repositório de conhecimento e também como índice histórico para a compreensão de valores culturais de sua época. São importantes os estudos sobre a educação nas instituições eclesiásticas, “(...) conventos e mosteiros espalhados pelas cidades brasileiras e que tiveram um papel na história educacional do país.”

¹²SEF. **Álbum Histórico do Seminário Episcopal do Ceará**. Fortaleza – Ceará. 1914
Fortaleza, v. 11, n. 22 - Julho/dezembro de 2020

(DEAECTO, 2011, p. 51).

Considerações Finais

Se pretende portanto, perceber o papel da Biblioteca na formação dos alunos do Seminário, e entendê-la como recurso para a observação da circulação dos livros em Fortaleza e sua relação com a difusão internacional de ideias e mais ainda, estudar as obras não só em seu conteúdo, mas também nos aspectos da produção livreira entre os séculos XVIII e XIX.

Os vínculos sociais e a relação individual com o livro e com a leitura são dimensões que ao serem estudadas proporcionam melhor compreensão acerca das práticas sociais e culturais de determinado período, e buscar visualizar essas práticas nos livros é, sem dúvida o desafio maior do historiador do livro e da leitura.

Referências

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. –14^a ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010

CARVALHO, José Murilo de. **A Construção da Ordem - Teatro de Sombras**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CASTELO, Plácido Aderaldo. O Seminário da Prainha – in: **Revista do Instituto do Ceará**, Tomo LXXVIII, 1964.

DARNTON, Robert. **O Beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DEAECTO, Marisa Midori. **O Império dos Livros: Instituições e Práticas de Leitura na São Paulo Oitocentista**. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2011.

FILHO, João Batista de Andrade. **Padres lazaristas no Ceará e a formação educacional Confessional: seminários e colégios (1864 - 1914)**. Dissertação: Mestrado em Educação. – Fortaleza: UFC, 2012.

GIRÃO, Raimundo. **Geografia estética de Fortaleza**. – Fortaleza: BNB, 1979.

OLIVEIRA, Almir Leal de. **Saber e Poder**. O pensamento social cearense no final do século XIX. Dissertação (Mestrado em História). PUC-SP, 1998.